

“ “ Hoje em dia, você já tem cursos universitários voltados para questões de gênero e orientação sexual.

Hoje você tem, aqui no programa pós-graduação em antropologia, professores que são reconhecidamente voltados para esse tema. E você tem todo ano alunos que vêm por causa disso e vêm procurar orientação dessas pessoas e são hiper respeitadas. Hoje em dia, a gente não tem mais, no meio universitário pelo menos, que ficar se justificando, a gente traz mais uma questão que é de interesse.

- Edward Macrae

Entrevista com Edward Macrae

Entrevista e transcrição:
Kleire anny pires de souza
Isabel Ceccon lantas

Para ver a íntegra da entrevista, acesse o link: <https://youtu.be/fjzaLdGTBWI>

| KLEIRE - Hoje é dia 8 de Junho de 2021, nós estamos aqui com a presença do Edward Macrae. Apresentando um pouco o professor: nascido em 1946, estudou antropologia pela Unicamp e na USP, onde se doutorou, em 1986, com a tese “o militante homossexual no Brasil da abertura”, e desde então vem pesquisando a questão das drogas. Produziu livros de muita relevância para o movimento LGBT, como “o que é homossexualidade” e “a construção da igualdade política e identidade homossexual no Brasil da abertura”. Atualmente mora em Salvador, onde leciona antropologia na Universidade Federal da Bahia e é pesquisador associado do Centro de Estudos e Terapia de abusos de drogas. Professor Edward, se você quiser falar mais alguma coisa para nós começarmos.

| EDWARD MACRAE - Saudações a todos, todas, todes! E só quero dizer o quanto eu fico honrado e contente de estar aqui conversando com vocês.

| KLEIRE - Então, dando início: você conheceu a militância nacional e internacional, consegue perceber diferenças fundamentais em como construíram esses movimentos? Acha que existe uma troca de ensinamentos a serem feitas entre essa militância Internacional e nós?

| EDWARD MACRAE - Sim. Eu acho que a gente no Brasil está, atualmente, em contato direto com o que acontece em outros países, em outros continentes, e

especialmente em relação aqueles centros mais metropolitanos. O Brasil que tem historicamente esse foco eurocêntrico ou anglosaxonicocentrico, né, norte-americano. Bom, isso desde muito tempo que a gente tem esse contato, forte influência vindo para a gente. E, com relação ao movimento, como chamava na época, “homossexual”, né, não podia ser diferente. Embora, naquela época, eu estou falando, agora, sobre o final da década de 70 e início da década de 80, então, naquela época, obviamente, a gente não tinha internet, não tinha muitas das facilidades que nós temos hoje de comunicação. Então, apesar de a gente ter essas influências estrangeiras, as coisas levavam mais tempo para chegar aqui. Bom, isso dito, a gente, também nessa época, vivia numa ditadura obscurantista, que censurava, então a gente tinha dificuldade em ter todas essas informações vindas de fora. E durante uma certa época, o início da década de 70, foi tomado o Brasil por uma luta de cunho político, até armado, as guerrilhas, a luta armada contra a ditadura militar - que foi, assim, derrotada. E derrotada, destrocada, as pessoas foram mortas, torturadas, exiladas, fugiram. Toda essa atividade levou a uma situação mais tensa aqui no Brasil, então, as pessoas que ficaram ficaram sem essa possibilidade de uma discussão política. E, então, foram desenvolvendo outras contestações e, aí, elas se miraram um pouco no que tinha acontecido alguns anos antes nos

Estados Unidos, na Europa, o tal do movimento hippie, paz e amor - porque enquanto surgia paz e amor em outros lugares, aqui a gente tinha bala e tortura. Então levou um tempo para chegar isso, embora houve alguns casos antes, mas, assim, para chegar como uma coisa forte foi mais na segunda metade da década de 70. Quando, então, mais para '76, por aí, começaram a voltar para o Brasil uma porção de pessoas que tinham se exilado em outros lugares, né. E essas pessoas trouxeram para cá ideias que já estavam sendo desenvolvidas sobre feminismo - isso foi muito forte - e, uma coisa menos forte, né, mas que também começou a chegar, sobre o movimento gay que estava se desenvolvendo lá nesse norte global. Aqui, realmente, as pessoas, em geral, estavam muito ainda desligadas dessas questões. E surgiu, inicialmente, um grupo de pessoas mais intelectuais que estavam ligadas com isso, começaram a discutir essas questões aqui, mas, daí, as reuniões passaram a atender uma necessidade de ponto de sociabilidade para uma população que na época seria de gays masculinos e mulheres lésbicas. Assim, as trans estavam quase que a gente não via, elas estavam completamente silenciadas e postas no fundo do armário. Não no fundo do armário, mas no fundo de não sei aonde. Então, depois de um tempo, as pessoas de classe média, com raras exceções, começaram a se cansar um pouco, porque começou a chegar muita “bichinha quaquaquá”, assim, gente de

classe mais pobre. Isso, de certa forma, também, fez surgir nessa época uma série de alternativas, assim, de comércio gay, essas coisas, e as pessoas podiam frequentar outros lugares, fazer sociabilidade gay - mas eram todos lugares caros. E o movimento gay virou um lugar para aqueles gays que não tinham muita possibilidade de frequentar o que, na época, a gente chamava de “o gueto gay”. De toda forma, tinha o jornal Lampião, que era um jornal que tinha essa influência estrangeira. Não “influência”, eles tinham conhecimento do que estava acontecendo lá fora e dialogavam com ideias que estavam acontecendo lá fora. E eles trouxeram essas ideias para um público mais popular, inclusive, um público lésbico que até então era quase completamente invisível. Não é que não existisse, mas era muito, muito, muito, você não via e não contactava. Tinha um ou dois lugares de mulheres se reunirem, geralmente vistos de uma forma meio caricata, sabe. E havia toda uma falta de possibilidade de desenvolvimento de novas ideias, novas formas de sociabilidade, mas que foram ocorrendo. Cada vez mais vai se facilitando os contatos com outros países, vai se intensificando o diálogo com outras ideias e se desenvolvendo muita coisa aqui mesmo.

| KLEIRE - Não temos tempo para temer a morte, né? Eu achei muito interessante essa questão, eu queria que comentasse

mais sobre as classes entre os homossexuais. Eu vou usar o termo “homossexuais” porque naquela época, como o senhor mesmo mencionou, não utilizava LGBT. Então, eu gostaria que você mencionasse mais sobre isso. É porque sobre a questão dos guetos lésbicos, né, eu tenho um pouco mais de conhecimento sobre e eu acho muito interessante aquela do “quem é lésbica vai para o camburão”, e aí muitas dessas lésbicas, às vezes, podiam escapar dessas apreensões justamente por conta do seu recorte de classe. O senhor poderia comentar um pouco mais sobre a questão da homossexualidade na classe burguesa e a nos guetos?

| EDWARD MACRAE - Sim, desde que eu me lembro, na década de 70, apesar da ditadura, apesar de tudo, você tinha certos lugares, como a Boate Medieval, em São Paulo, que eram lugares que as pessoas chegavam na Rua Augusta... Assim, você ia pela Augusta e daí as pessoas iam andando... Daí chegava uma porta, elas olhavam para os lados, e entravam e fechavam a porta. E era a Boate Medieval. Lá, as bichas estavam todas fechando, de plumas, e era a grande festa! Mas era uma coisa que não era clandestina, mas, na cabeça das pessoas, ainda era uma coisa meio vergonhosa. Mas lá dentro era como qualquer boate gay, assim, sabe, a música era um pouco diferente, levando em conta as diferentes da época, né,

mas era a mesma coisa que a gente encontra hoje. E era tudo classe média, era meio caro. tinha um lugar um pouquinho mais barato, que era o Nosso Mundo. Um eram bichas meio de classe média/média-alta e o outro era média/média-baixa. Mas também, assim, tinha um preço que você tinha que pagar para entrar e coisas assim. E lá dentro tudo acontecia. Nessa época, eu morava no centro de São Paulo, na Praça da República, que era pertinho da chamada Boca de Luxo. A boca de Luxo era uma série de boates de prostituição, de um nível um pouquinho mais alto, que as mulheres trabalhavam com um preço melhor do que em outros lugares. E era muito interessante, sabe, estou falando, assim, da década de setenta ainda. As boates naquela época, as boates, em geral, não admitiam mulheres sozinhas. As mulheres tinham que sempre ir com um homem. Essa questão [era] para “combater a prostituição”, essa coisa assim. E nessas boates as pessoas iam muito chiques e bem vestidas. Nessas boates que eram realmente boates de prostituição, as mulheres eram, obviamente, admitidas lá, porque o negócio era esse, mas elas tinham que dar uma de finas, então elas usavam longos - já numa época em que, normalmente, as mulheres de classe média não usavam longo. Então você via na rua as mulheres que estavam muito bem vestidas eram justamente as prostitutas. E era uma coisa engraçada. Nessa época também começa a surgir as travestis, que até então elas não

apareciam na rua, era uma coisa muito mais fechada e nessa época elas começam a aparecer e ficar nessa Boca do Luxo, nas esquinas chamando clientes. Os gays um pouco mais pobrinhos, mas ainda com certa grana, podiam ir em alguns bares e boates mais baratinhos, que eram também uma barra mais pesada, era onde ia “michê” e algumas das bichas de classe média iam justamente para pegar um “michê”. Você via bastantes michês na rua. Então, nessa região do centro de São Paulo que eu convivi, você via essas prostitutas, algumas travestis e bastantes michês também. O michê era sempre menos estigmatizado, do que a travesti e até a prostituta feminina. [Elas] não eram tão visíveis, não usavam uma roupa diferente, por exemplo. Então havia uma coisa de classe média e havia uma coisa de uma classe mais popular. Com o desenvolvimento da história do movimento LBGTQIA+, eu acho que a gente viu o desenvolvimento de todo um mundo comercial, meio caro, cujos frequentadores, frequentemente, estigmatizam os gays pobres. Agora, eu não me sentiria à vontade para falar sobre as mulheres porque eu não experienciei isso tanto. Embora, eu acho, assim, me desculpe, mas existe essa mesma coisa de classe, tanto entre os homens como entre as mulheres. E, outra questão, historicamente, nas classes populares e, tradicionalmente, em todas as classes, a homossexualidade era muito associada aos papéis de gênero tradicionais: o

macho e a fêmea, o ativo e o passivo. Então, nessa época, quem começa a questionar isso é, justamente, as pessoas que tinham contato com concepções, pensamentos, que estavam se desenvolvendo em outros lugares do norte global, digamos. A gente vai ver que esse questionamento de uma certa rigidez nos papéis acontece inicialmente entre essa classe média mais voltada para outros países mais dentro dessa cultura erudita de classe média. Enquanto que entre os mais populares ficava muito forte essa coisa do ativo e passivo. Ao mesmo tempo, a gente não deve exagerar isso também, porque até hoje a gente encontra entre os gays masculinos ainda muito forte essa coisa do ativo - embora haja todo um grupo que é mais flexível. Mas é uma questão que a gente tem que ver, talvez, de uma forma mais ampla e não simplesmente em termos de classe, de educação, coisa assim. Tem a ver com isso, mas é uma questão que continua muito presente.

| KLEIRE - Eu achei muito interessante essa colocação da classe, da homossexualidade, justamente porque também dá para perceber muita violência e como ela se manifesta. Você menciona muita palavra “bixa” ou, não sei se é uma coisa regional, mas aqui a gente tem termo pejorativo que é “bixa pão com ovo”, para se referir àquela bixa da classe pobre que normalmente é espalhafatosa. E aí, obviamente, a

violência recai sobre ela de uma forma totalmente diferente de um gay de uma classe alta, por exemplo, principalmente quando o você menciona esses guetos, essa questão do acesso, também, é muito muito latente como a violência atinge a “bixa pão com ovo”.

| EDWARD MACRAE - As expectativas que se têm também afetam as próprias pessoas. A tal da bixa pão com ovo, que em São Paulo também usa essa expressão, que você falou “espalhafatosa”. Não é porque o gay é essencialmente, naturalmente, espalhafatoso. Aliás, ninguém é naturalmente nada, né, a gente vai se desenvolvendo de muitas formas. Mas existe, de certa maneira, essa expectativa e as pessoas conformam muito essas expectativas. A gente nasce em famílias heterossexuais, é uma das dificuldades e desvantagens que os gays, às vezes, apontam em relação aos negros. Um jovem negro nasce em uma família negra e pode aprender a ser negro com os pais. Mas o gay tem que criar toda uma concepção de si sozinho. O que os pais e o meio dele vão dizer é que isso é errado, é doente, é neurótico, é marginal, etc. Daí, a pessoa, em meio a todas essas concepções negativas, tem que criar alguma forma mais positiva de se ver. Hoje, já é um pouco diferente, mas antigamente ela não tinha modelo nenhum, nenhum, nenhum. Eu me lembro que quando eu era criancinha,

adolescente, que estava procurando entender essas coisas, era difícil para você achar coisas sobre homossexualidade. Quando você achava, era sobre a patologia da homossexualidade e como os homens homossexuais tinham uma distribuição de pelos diferente dos heterossexuais, por exemplo. Maluquices, né. Mas era o tipo de referências que a gente tinha. Era muito difícil. Então, você vai procurando: “o que é ser homossexual?” e as pessoas dizem “homossexual é afeminado”. Então, eu devo ser meio afeminado. Então, sei lá, vai ser natural eu ser afeminado. Não necessariamente conscientemente, mas a gente vai, de alguma forma, se adequando a expectativas. Hoje em dia, nós já, graças a Deus, temos mais referências, mas é muito recente isso. Referências positivas. Sabe, eu me lembro, não é tanto tempo atrás, que saiu aquela série “Queer as Folk”, que foi uma das primeiras - pode não ter sido a primeira -, mas que eu me lembro, que me impactou, foi a primeira série de televisão que mostrava gays com os seus problemas, as suas formas de viver, problemas, etc, como qualquer outra pessoa tem. Mas não necessariamente, não por causa delas serem neuróticas, por elas serem, de alguma forma, defeituosas inatamente. E depois disso, hoje em dia, a gente tem, desde a pornografia aos montes, você tem hoje tudo quanto é série, minissérie, microssérie, coisas de computador, um monte de referências já mais positivas.

Eu não sei o quanto as pessoas das classes populares têm acesso a isso, que nós da classe média temos. Aí, também, a gente tem que levar essas coisas em consideração. Mas eu acho que hoje em dia essas coisas vão se popularizando e as pessoas têm mais referências positivas. E isso é muito importante. Eu vivo num momento em que eu estou numa bolha, de COVID-19, resguardo e confinamento, e eu estou convivendo com dois outros rapazes gays. E passa um homem na televisão que a gente acha bonito, a gente comenta, umas coisas, assim, completamente normais. E eu tenho pensado o quanto hoje em dia é mais fácil. Antigamente, você podia ver uma pessoa que você achava bonita na rua e você pensava “ai, que tesão”, mas não falava nada. Hoje em dia você pode sentar com seu companheiro ou outro gay ao seu lado e “que gostoso, não só que...” e comentam, né. Então, tudo isso está fazendo uma grande diferença. Na minha experiência do Somos, naquela época, as pessoas que começaram, até tenho um livro que fala sobre, “O proto-movimento”, antes, né. Daí você tinha uma série de pessoas, assim, intelectuais, alguns até hoje são intelectuais de renome na cultura brasileira. Altamente educados, universitários, etc. E, eles, então, começaram, o pessoal do Lampião, por exemplo, a desenvolver uma série de ideias iniciais. Daí, no Somos, quando eu entrei, naquela época ainda, o ensino universitário era mais elitizado do que é hoje. Houve mudança com questão de

cotas. Eu sou professor aqui na UFBA e mudou da água para o vinho. Inclusive, as pessoas falam de queda de qualidade, não sei o que, eu acho que é o contrário. A universidade ficou muito mais interessante, muito mais rica, muito legal. Mas, então, naquela época, essas pessoas de classes populares, que acabaram sendo aquelas que mais frequentavam o movimento, não tinham muito esse acesso à universidade. Eu me lembro que, na época, antes de eu entrar para o Somos, eu tinha uma vida cultural bastante rica e frequentava teatros, tinha amigos que eram atores, e exposições. Muito essa coisa da cultura. Daí, quando eu entrei no Somos, a minha atenção passou a ser completamente para o Somos, para as pessoas do Somos. E lá a gente tinha as nossas reuniões e depois das reuniões a gente ia para algum barzinho no centro da cidade, uma coisa assim, ficar no chamado “gueto”, conversando com outros gays que não eram, assim, gays organizados. Foi um grande aprendizado, mas a minha vida “cultural”, aquela que eu tinha antes, minguou imensamente. As pessoas não tinham esse olhar voltado para o cinema, teatro, artes plásticas, que aqueles mais de classe média tinham. E eu não me surpreenderia se ainda fosse meio assim, embora, como eu disse, hoje em dia, a universidade está muito mais aberta, popularizada, então tem muito mais gente indo lá. Mas eu acho que talvez ainda exista um certo fosso entre a universidade e os gays, assim, mais

populares, no mínimo, que são a grande maioria, como é a grande maioria da população brasileira.

| KLEIRE - Agora, falando do Somos, o senhor mencionou que tinha muitos gays de classes populares, os maiores integrantes dos Somos e a organização eram de classes populares? Não teve muita adesão da classe média?

| EDWARD MACRAE - Bom, a ideia que eu desenvolvi na minha tese, no meu livro, é que esse movimento era um movimento que se propunha a ser hiper, super, democrático, assim, ao máximo, que você não tinha liderança, por exemplo. A liderança era rotativa. Não importava, sabe, as possibilidades da pessoa, era vez dela ser a líder. Isso daí era muito bonito, em teoria. Na prática, não funcionava, porque você tinha pessoas que, em primeiro lugar, tinham mais disponibilidade de tempo. Tinha aqueles que tinham que trabalhar todo dia, das 8 horas às 5 horas e você tinha aqueles mais intelectuais, como eu, que tinham aulas alguns dias da semana, outros ficavam em casa estudando, etc. E daí você tinha essas pessoas também e elas muitas vezes estavam mais acostumados a falar em público, não só elas, mas é muito isso. Tinha uma série de pessoas que tinham mais condições de, realmente, liderarem o grupo, de diversas maneiras. E essas pessoas é que eram aquelas mais universitárias, uma

minoría. E mesmo se você tivesse a “bichinha quaquaquá” que foi eleita para ser a presidenta daquela hora, mas tinham os outros, que não eram nada, mas que estavam lá e davam opiniões, tinham as informações e que tinham tempo para ir fazer as coisas, e que acabavam, então, sendo uma liderança informal. E como você tinha essa ideologia de que todo mundo tinha que ser igual, não podia ter liderança, etc, alguns desses líderes eram os grandes propagadores dessa ideia. Então, você não podia apontar, se contrapor a qualquer tipo de dominação que elas viessem a ter. De certa forma, essa hiperdemocracia acabava sendo contraditória e permitia que algumas pessoas dominassem e não fossem contestadas, não fosse reconhecido o seu domínio. Então, eu vejo que tinha uma liderança informal que era às vezes problemática também.

| KLEIRE - Agora dando segmento: como você enxerga a trajetória da pesquisa universitária sobre gênero e sexualidade no decorrer dos anos? Você percebe uma maior liberdade em tratar do tema atualmente?

| EDWARD MACRAE - Sim, sim, sim, não há comparação. Eu nunca sofri nenhum tipo de repressão, nese sentido, mas, inicialmente, perguntaram, na universidade, “mas você vai estudar esse grupo homossexual? Quantas pessoas tem? Porque você não vai fazer um

sindicato? Muito mais importante”. Então você tinha que argumentar, tinha esse lado que era mais ou menos desqualificado, como uma coisa pouco importante. Hoje em dia, você já tem cursos universitários voltados para questões de gênero e orientação sexual. Hoje você tem, aqui no programa pós-graduação em antropologia, professores que são reconhecidamente voltados para esse tema. E você tem todo ano alunos que vêm por causa disso e vêm procurar orientação dessas pessoas e são hiper respeitadas. Hoje em dia, a gente não tem mais, no meio universitário pelo menos, que ficar se justificando, a gente traz mais uma questão que é de interesse. Atualmente, a questão das trans e dos não-binários é uma discussão que é bem posterior à época em que eu estava trabalhando com o tema. Eu não tô trabalhando com tema como antes, mas é claro que eu mantenho contato, tenho uma ideia do que está acontecendo, inclusive através de meus alunos e amigos de gerações mais novas. Eu vejo uma mudança radical. Essa questão de ser trans, em geral, essa questão do não-binário, isso é uma coisa que, agora, aqui na UFBA eu vejo, bom, antes a pandemia, era normal ver um rapaz que de repente podia vir com uma saia, coturnos e, talvez, um batom. Assim, simplesmente como uma forma de contestar as expectativas que se tem que formatam as pessoas. Na minha época, a grande preocupação dos gays era saber o que é gay, o que é o homossexual, porque a gente não tinha

uma imagem, o que é homossexual e que é possível ser homossexual e ser homem, nessa época. No início do Somos, uma das preocupações era mostrar que a gente era gay, mas não deixava de ser homem. Hoje em dia essa daí parece uma preocupação completamente fora do propósito, não é o que hoje a gente iria ficar defendendo o tempo todo. Porque, de certa forma, isso já está um pouco superado. Mas, então, você vê as diferenças que vão ocorrendo com o tempo. Hoje em dia, as pessoas vão dizer “não, eu não tenho que ser homem” - nessa forma tradicional de ver o que é o homem. Então, realmente, eu acho que houve uma mudança radical.

| KLEIRE - O senhor pode mencionar mais como foi, na década de 80, quando o senhor se doutorou, como foi fazer essa pesquisa sobre homossexuais?

| EDWARD MACRAE - Olha, eu estava inicialmente na Unicamp e depois na USP, e eu tinha dois orientadores altamente conceituados no mundo da antropologia. E eu já estava em uma bolhazinha que era meio vanguardista, sabe. E teve essa história que, inicialmente, tive que justificar que seria uma coisa importante, mas isso não durou muito tempo. Daí, eu acho que teve a questão da AIDS. A AIDS foi muito importante, porque, primeiro, a gente tinha medo de que a AIDS poderia levar

a um retrocesso em todas as conquistas que haviam sido feitas, no final na década de 70 e início da década de 80. Que foram grandes conquistas. Havia a possibilidade de fechar saunas, de fechar as boates. Havia até o exemplo de Cuba, infelizmente, eu acho que a Arábia Saudita também - algum lugar horróroso, assim -, em que os soropositivos eram colocados em uma espécie de campo de concentração. Havia esse receio. Então, inicialmente, a gente teve que lutar muito para não perder os ganhos que tinham havido até então. Agora, o movimento homossexual, bem nos anos 79, 80, 81 talvez, explodiu. O Brasil todo estava cheio de grupos gays. Aí vem uma série de brigas internas, o surgimento desse gueto gay comercial, que era uma alternativa de sociabilidade, e, daí, veio a AIDS. Houve todo um retrocesso do movimento homossexual. Até que veio as campanhas contra a AIDS, etc, que receberam o apoio do Banco Mundial, que botou uma grana aqui no Brasil, para fazer propaganda contra a AIDS, difundir métodos de sexo seguro, essas coisas assim. E, daí, os remanescentes dos grupos gays, e alguns outros que foram surgindo, passaram a receber até dinheiro, muitas vezes, para fazerem material de campanha contra a AIDS. Eles foram, muito corretamente, percebidos como sendo importantes agentes transformadores educativos. Começaram a produzir jornaisinhos, financiados pelo Banco Mundial, que traziam recomendações sobre AIDS, mas

também outras coisas: toda uma discussão sobre militância. Esse financiamento, esse interesse das autoridades, levou a um certo ressurgimento do movimento, embora, nessa época, antes, o momento se colocava de uma forma muito contestadora. A gente estava contestando a, então, “verdade médica”. Os médicos diziam que a gente era doente. Alguns quase que diziam que bater punheta fazia nascer pelo na mão, era uma coisa muito muito muito maluca, muito ignorante. Mas era muito forte. A gente tem que tomar muito cuidado com o establishment médico. Por mais que a gente agradeça que existam vacinas e tudo isso, mas eu, agora, no momento, tô assistindo a CPI da COVID-19. E claro que eu acho um abominável o pessoal do governo que vai lá e mente, me dá engulhos, nojo, etc. E daí eu fico torcendo para esses políticos que eu sempre achei horrorosos.

O que eu estou dizendo é que, daí, nessa hora, eu estou torcendo para muitos políticos que eu não gosto e para uma visão da medicina que não é aquela que eu acredito. A medicina: pode ou não pode usar cloroquina?

Eu sou cientista, então eu sei que pode, ou eu sei que não pode. Primeiro lugar, eu estava contestando a visão médica na homossexualidade, depois eu passei a contestar a visão médica sobre drogas. Depois, décadas depois, eu estou brigando com médicos que dizem que maconha faz mal, cria dependência, leva

à loucura, leva ao uso de drogas pesadas, toda essa história. A questão é: esse absolutismo médico é uma coisa muito complicada e a gente não pode aderir a isso. Nesse momento, eu torço. Mas, de fato, a gente tem que tomar cuidado com essa visão da medicina que é aquela que a gente sempre questionou. Os movimentos gays, quando foram, de certa forma, “cooptados”, não que, necessariamente, fosse uma coisa má, mas eles foram cooptados pelo Banco Mundial e pelas campanhas anti-AIDS, eles deixaram de ter essa postura tão contestadora quanto tinham antes. Eles passaram a ser os agentes de saúde, a correia de transmissão dos conceitos médicos. Então, a gente passou de uma postura de contestação dos médicos para repetidor do discurso. Bem no início da história da AIDS, tinha um grande amigo meu, Néstor Perlongher, não sei se você já ouviu falar dele, mas que era um poeta, um antropólogo e grande gabarito. E ele questionava os médicos, na história da AIDS, e nessa época a gente estava tão descrente do discurso médico, que quando eles começaram a história de AIDS, a gente não acreditava também. E eu tive a boa sorte de, fui enviado a um trabalho nos Estados Unidos, e lá eu conheci uma porção de líderes gays, que eu lia os trabalhos deles e conhecia eles de nome, tinha grande admiração. Daí eu cheguei lá e eles estavam todos apavorados, alguns já estavam morrendo. Então, eu, tendo estado lá na matriz, eu voltei sabendo

que era verdade, mas muitos dos meus amigos não e não queriam acreditar. O Néstor até escreveu um livro, na época, a Editora Brasiliense, em São Paulo, tinha uma coleção que era vendida em banca de jornal, assim, “O que é”. Um monte de gente escreveu coisas, inclusive eu e o meu orientador, gente fez “O que é Homossexualidade”, mas tinha um monte de outros temas. E o Néstor escreveu um livro assim que surgiu a AIDS. E o dono da Brasiliense, era um cara com uma cabeça muito boa, e ele imediatamente pediu para o Néstor escrever uma “O que é AIDS”. O Néstor escreveu um livro, que é muito interessante, mas era negacionista completamente da AIDS. E, depois, foi retirado da banca e a Brasiliense encomendou outro livro sobre AIDS. Mas esse Néstor, estou dizendo “negacionista” e a gente pensa nos negacionistas de hoje, que são uns doidos, mas ele não. Era que realmente não tinha informação e as pessoas não acreditavam nos médicos, os médicos eram os inimigos. E só chegaram a ser os nossos amigos, começamos a ter mais confiança neles, com a questão do enfrentamento à AIDS, depois de um tempo.

| KLEIRE - É que foram momentos muito ali: primeiro a homossexualidade deixa de ser doença e depois vem a AIDS. Daí fica meio difícil você confiar mesmo. As mesmas pessoas que acusavam você de ser doente por ser quem você é, agora

estão querendo ajudar você a lidar com algo. Aproveitando que você mencionou a questão do livro “O que é homossexualidade”, eu gostaria de fazer umas perguntas sobre ele, eu li esse livro, gosto muito dele, porque, acredito que não foi proposital, mas acabou se tornando uma fonte muito importante. Só no seu livro que a gente encontra menções como a do Lampião da Esquina, que um dos criadores foi preso por atentado de violência ao pudor. Eu gosto muito desse livro e é muito interessante entrevistar alguém que você admira. Então, nesse sentido do livro, eu gostaria de perguntar como foi o impacto social que esse livro gerou, porque a gente está falando da primeira edição em 1983, se eu não estou enganada.

| EDWARD MACRAE - Esse livro teve muitas edições. Inicialmente, era uma coisa da editora Brasiliense, tem um monte de livros, é uma coleção muito boa “O que é”. A uma certa altura, o dono da Brasiliense vendeu os direitos dessa coleção para a Editora Abril. Ele deve ter feito uma grana. Autor de livro não ganha nada, ganha 10% da edição, daí ele faz o que ele pode com esses livros e esse apartamento dele. E, às vezes pintava mais uma graninha, uns reais, uns cruzeiros que não era grande coisa. Daí eles venderam para a Abril, que passou a vender esses livros nas bancas de jornal. Assim como Lampião,

que falava que era do Oiapoque ao Chuí, ao lado do Lampião estava esses livros também. E teve muita leitura, em uma época quando ainda era pouco essas coisas, assim, positivas, dirigidas a esse público. Até hoje, tem pessoas que vem para mim: “ah, seu livro foi muito importante para mim, naquela época”, não que hoje [não seja], eu acho que tem um interesse histórico, mas, na época, era uma coisa bem nova. De vez em quando eu encontro referências. Uma vez eu fui em uma exposição em São Paulo sobre [Hello] Kitty e tinha um gay que tinha uma coleção absurda de coisas, tudo que era coisinha de pelúcia, cor-de-rosa, e não sei o quê, ele comprava. Daí teve uma exposição da coleção dele, todas as coisas “Kitty” que também era bem bicha, sabe. E lá na exposição Kitty tinha uma mesinha que estava lá o meu livro, o meu e do meu orientador. [risos] Então, foi interessante. E essa coisa de que de vez em quando as pessoas vem me falar “ah, você que é o Edward MacRae, não sei o que, foi importante para mim”. Pessoas já mais velhas, não tão velhas quanto eu, mas bem mais velhas que você.

| KLEIRE - Dando continuidade, nesse mesmo livro, eu gostaria que você comentasse sobre um capítulo que eu achei muito curioso, muito interessante, que é “as lésbicas: uma pedra no sapato das feministas e das bichas”. E eu queria que você comentasse sobre essa

desunificação ou essas rixas internas, porque é muito mencionado em outras entrevistas, em algumas leituras que eu fiz, essa briga dentro do Somos, até que tem a ruptura, que as lésbicas saem. Eu queria que você comentasse mais sobre isso.

| EDWARD MACRAE - Sim, no início, existia essa coisa que eu chamo de “proto-Somos”, daí teve a publicação, começou a sair o jornal Lampião da Esquina. O João Silvério Trevisan foi, assim, se a gente vai dizer que tem um fundador do Somos, o que eu não diria, acho que esses movimentos sociais são várias pessoas, mas, certamente, ele teve um papel absolutamente preponderante no início desse grupo. Então, o Trevisan tinha estado nos Estados Unidos, tinha feito parte do Gay Liberation, nos Estados Unidos, e ele fez um grupo que era basicamente masculino, mas havia algumas mulheres que vieram também, também se interessavam. E, naquela época, como as lésbicas eram tão invisíveis, tão desconhecidas, havia a ideia de que os homens eram machistas. Então, o Somos era subdividido em vários outros grupos, porque ele cresceu muito, muito rapidamente, daí ficou diferentes grupos. E havia a ideia de que cada grupo tinha que ter uma mulher, para que elas pudessem educar os homens. Essa foi uma ideia inicial, mas, depois de

um tempo, as mulheres começaram a ver que elas estavam sempre em minoria e elas tinham os problemas delas, as questões delas que elas queriam discutir, que era de mulher. E, daí, então, surge essa ideia de fazer um grupo só de mulheres. E as mulheres deixaram de estar dispersas, para se unirem entre elas. Isso deu uma série de discussões e de brigas. Daí tinha também, nessa época, o movimento feminista, que também estava se desenvolvendo. E essas preocupações que, digamos assim, por enquanto eu vou chamar de “existenciais”, que, anteriormente, havia uma visão muito classista, uma visão meio informada pelo Marxismo, de luta de classe, que a luta das mulheres seria secundária, aquela história toda. Daí você começa a ter as mulheres que, dentro dessa visão de esquerda tradicional, começam a se colocar enquanto mulheres, mas ainda dentro desse enfoque bem tradicional, de classe, de partido. E daí surgiu um outro grupo de mulheres, que era ligado ao jornal “Nós mulheres” e elas tinham essas ideias muito influenciadas pela Europa e pelo Estados Unidos, em que a gente pode chamar mais de “existenciais”, digamos, que elas estavam voltadas para o problema de ser mulher, todas as questões de papel de gênero. No final de 70, início de 80, essas coisas pegam fogo, também, entre as mulheres. Então, tem a discussão de se deve ser, assim, luta de classes ou se é mais uma luta feminista. E, daí, esse grupo de lésbicas também se

orientavam para essas feministas. E começou a haver grandes encontros de mulheres no fim de semana, elas vinham, passavam dois, três dias, discutindo coisas. Daí, as mulheres do GALF - Grupo Lésbico-Feminista participavam também e levavam as questões lésbicas, que essas mulheres mais libertárias feministas, até então, como toda a sociedade em geral, desconheciam. E, como eu tava dizendo, na questão dos homens gays do Somos inicialmente, a preocupação era mostrar que você podia ser gay e ser homem, e eu acho que, nessa época, as mulheres, as feministas, estavam querendo dizer que elas podiam ser feministas e, de certa forma, uma mulher tradicional também. E havia essa coisa de “as feministas são tudo sapatão”, e elas tinham que lutar ou se preocupavam com esses estereótipos. Daí chegavam as lésbicas mesmo e tinha uma série de problemas, porque as mulheres feministas estavam lutando contra esse rótulo de serem lésbicas. Ao mesmo tempo, elas reconheciam, tinha toda essa questão de sororidade, do sentimento. Aos poucos, as relações lésbicas começaram a ser mais aceitas e essas mulheres também, mesmo tendo todo o histórico hétero e, talvez, continuando sendo, basicamente, heterossexuais, mas elas, durante certo tempo, também se engajaram nesse tipo de relação. Então, essa questão “pedra no sapato”, obviamente é um jogo de palavras, mas era a ver com essas brigas, tanto as mulheres com os homens gays

quanto as lésbicas com as feministas héteras.

| KLEIRE - Você percebe muita diferença das organizações desses movimentos da sua época para os da atualidade?

| EDWARD MACRAE - Olha, eu não tenho muita base para falar sobre exatamente como estão funcionando os movimentos atualmente. Conversando com outras pessoas, eu tenho a impressão que não mudou muita coisa, de fato. Inclusive, problemas que havia que eu detecto com movimento gay, movimento homossexual, da época. Assim, eu tenho um amigo meu que pesquisa a marcha da maconha e o movimento antiproibicionista voltado para a questão da maconha, um rapaz bem mais novo do que eu. E ele leu isso e disse: “substitui sexo por maconha e é quase tudo igual, inclusive as brigas, inclusive a dificuldade dos grupos se unirem para uma campanha, na luta em comum”. Eles vivem brigando entre si, da mesma forma. Na época dos Somos, tinha o Somos, tinha o Eros e tinha o Libertos, eram três grupos. O Somos era o maior deles, mas tinha esses outros dois que eram idênticos. Mas, assim, a gente vivia brigando e, depois, as brigas também foram dividindo o Somos. Eu acho que muitos dos problemas que eu detectei no Somos não são necessariamente ligados às questões de gênero, de orientação sexual, mas tem a ver com a

organização de movimentos sociais, que têm toda essa coisa da horizontalidade, da primazia dos afetos, toda uma série de coisas que eu acho hiperinteressantes, e que são problemáticas e que são conflitivas. Então, não sei, falando assim meio por cima, eu penso que provavelmente não há muita diferença, não.

| KLEIRE - Em seu último livro publicado sobre a questão, “A construção da igualdade política e identidade homossexual no Brasil da abertura”, você constrói um debate sobre identidade homossexual. E, na contemporaneidade, você acredita que os homossexuais tentam se desassociar disso, como uma fuga, por exemplo, você acredita que seja possível a existência dessa dissociação da identidade homossexual como uma luta e da sexualidade em si. Assim, é muito perceptível que a homossexualidade foi construída com uma identidade política. E na contemporaneidade é muito comum a gente ver, principalmente nós que fazemos parte do movimento na atualidade, que as pessoas querem se desvincular da questão da homossexualidade, elas só querem viver como se fosse uma sexualidade diferente, não querem se atrelar à luta política.

| EDWARD MACRAE - Bom, não querer se atrelar à luta política é desde sempre.

Havia algumas poucas pessoas que realmente entraram em uma coisa mais política, mas de ver a questão da homossexualidade de uma maneira menos prescritiva, que o gay não tem que ser de uma determinada forma, da mesma que o homem não tem que ser de uma determinada forma em geral, isso é uma coisa que está muito aí entre essas pessoas não-binárias, com quem eu convivo, talvez poucas estariam realmente dispostas a entrarem para um grupo, ficarem fazendo reuniões políticas e sair panfletando e coisas do gênero. O que não quer dizer que elas não sejam, também, transgressoras e não estejam tendo uma influência social importante, mas é uma coisa menos organizada e que vê dificuldades e vê com maus olhos organização. E eu acho, voltando novamente a nossa realidade horrível, que a gente vai ter que começar a pensar em organização. Sei lá o que a gente vai enfrentar, de repente vão ter milícias, exército, o que vai ser. Então, eu acho que a gente está em um momento, uma situação muito, muito fluida, é impressionante. Eu recebo Carta Capital e que chega aqui em Salvador meio atrasada. Quando chegou, já perdeu toda a graça, tá velho, tudo já mudou. A gente tá vivendo um momento de grande mudança, grandes transições ocorrendo, então, eu acho que a gente está vendo uma coisa no momento, mas a gente vai ter que, talvez, mudar as nossas formas de viver e de conviver, de lutar, num futuro. Eu receio que a barra vai pesar.

| KLEIRE - Agora, para finalizar de fato, eu gostaria que você deixasse um recado para o nosso público que vai ler e para a geração do futuro, para a geração do agora, vai saber se não vamos nos tornar uma fonte.

| EDWARD MACRAE - Uma coisa, eu não me sinto, apesar dos meus cabelos, muito diferente de vocês da nova geração. Eu tenho muita sorte de ser professor e orientador e nessa situação a gente trava amizades com gente muito mais nova e com os amigos deles. Então, meus amigos são todos assim, tipo, 20 anos mais novos do que eu, 40 anos mais novos do que eu. Então, eu não tenho grandes mensagens para dar para essas pessoas. Como eu digo, eu aprendo muito com eles. Mas, uma mensagem: eu acho que vale a pena a gente lutar por aquilo que a gente acredita e não aceitar que as pessoas pisoteiem a gente, não levar desaforo para casa. É isso: não leve desaforo para casa!

| KLEIRE - Essa foi uma ótima mensagem com certeza! Eu queria agradecer em nome da Revista COR, novamente, pela sua entrevista, agradecer você pela sua trajetória política até aqui, que é muito relevante, inclusive, agradecer a pessoa maravilhosa e acessível que você é!

| EDWARD MACRAE - E eu agradeço muito essa possibilidade, adorei ficar conversando com você e foi muito bom, brigadão!